



## DESAFIOS PARA MULHERES NEGRAS ENFRENTAREM DESIGUALDADES EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS

*Mayara Vivian dos Prazeres Cruz<sup>1</sup>*  
*Engenheira Mecatrônica, Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Universidade  
de São Paulo (USP), São Carlos, SP, Brasil.*

*Fernando César Almada Santos<sup>2</sup>*  
*Professor Associado, Departamento de Engenharia de Produção, EESC, USP, São  
Carlos, SP, Brasil.*

*Paula Maria Teixeira Rattis<sup>3</sup>*  
*Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo,  
Registro, SP, Brasil.*

*Rita de Cássia Arruda Fajardo<sup>4</sup>*  
*Professora Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São  
Paulo, São Carlos, SP, Brasil.*

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é compreender, a partir de uma pesquisa qualitativa, as principais dificuldades enfrentadas por estudantes negras nos cursos de graduação em Engenharia na Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC-USP). Não obstante o acesso de grupos minoritários brasileiros ao ensino superior vem aumentando ao longo dos anos, ainda é preciso analisar estas mudanças sob uma ótica mais crítica, principalmente no que tange ao acesso de mulheres negras ao ensino superior. Com base em pesquisa bibliográfica, para as mulheres negras as principais desigualdades encontradas foram: perfis econômico, social e familiar; presença e desempenho no ensino superior e em cursos de graduação em Engenharia. Nos resultados, após mostrar as particularidades dessas desigualdades, são propostas

<sup>1</sup> Engenheira Mecatrônica pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [mayara.vivian.cruz@alumni.usp.br](mailto:mayara.vivian.cruz@alumni.usp.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5604-537X>

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Engenharia de Produção da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [almada@sc.usp.br](mailto:almada@sc.usp.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9317-088X>

<sup>3</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da Universidade de São Paulo (USP). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: [paularattis@alumni.usp.br](mailto:paularattis@alumni.usp.br) ; [paula.teixeira@ifsp.edu.br](mailto:paula.teixeira@ifsp.edu.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9396-5244>

<sup>4</sup> Professora Doutora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: [ritacaf@ifsp.edu.br](mailto:ritacaf@ifsp.edu.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3507-6657>



possibilidades para mulheres negras enfrentarem tais situações que levam a sentimentos como desmotivação, não pertencimento e baixa autoestima.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Engenharia. Desafios. Igualdade Racial. Igualdade de Gênero.

### **CHALLENGES FOR BLACK WOMEN TO FACE INEQUALITIES IN UNDERGRADUATE COURSES AT THE SÃO CARLOS SCHOOL OF ENGINEERING**

**Abstract:** The main objective of this article is to understand, based on a qualitative research, the main difficulties faced by black students in undergraduate courses in Engineering at the São Carlos School of Engineering of the University of São Paulo (EESC-USP). Despite the fact that the access of Brazilian minority groups to higher education has been increasing over the years, it is still necessary to analyse these changes from a more critical perspective, especially regarding the access of black women to higher education. Based on bibliographical research, for black women the main inequalities found were: economic, social and family profiles; presence and performance in higher education and in undergraduate courses in Engineering. In the results, after showing the particularities of these inequalities, challenges are proposed for black women to face these situations and feelings such as demotivation, not belonging and low self-esteem.

**Keywords:** Black Women. Engineering. Challenges. Racial Equality. Gender Equality.

### **PROPUESTAS PARA QUE LAS MUJERES NEGRAS SUPEREN LAS DESIGUALDADES EN LOS CURSOS DE GRADO DE LA ESCUELA DE INGENIERÍA DE SÃO CARLOS MÁS INCLUSIVOS**

**Resumen:** El objetivo de este artículo es comprender, a partir de una investigación cualitativa, las principales dificultades que enfrentan las estudiantes negras en los cursos de pregrado en Ingeniería de EESC-USP. A pesar de que el acceso de los grupos minoritarios brasileños a la educación superior ha ido aumentando a lo largo de los años, todavía es necesario analizar estos cambios desde una perspectiva más crítica, especialmente en lo que respecta al acceso de las mujeres negras a la educación superior. Con base en la investigación bibliográfica, para las mujeres negras las principales desigualdades encontradas fueron: perfil económico, social y familiar; presencia y desempeño en la educación superior y en los cursos de pregrado en Ingeniería. En los resultados, tras mostrar las particularidades de estas desigualdades, se proponen posibilidades para que las mujeres negras afronten estas situaciones que conducen a sentimientos como la desmotivación, la no pertenencia y la baja autoestima.

**Palabras clave:** Mujeres negras. Ingeniería. Desafíos. Igualdad racial. Igualdad de género.

### **DEFIS POUR LES FEMMES NOIRES FACE AUX INEGALITES DANS L'OBTENTION DU DIPLOME D'INGENIEUR A L'ÉCOLE D'INGENIERIE DE SÃO CARLOS**



**Résumé:** L'objectif principal de cet article est de comprendre, sur la base d'une recherche qualitative, les principales difficultés rencontrées par les étudiantes noires lors de l'obtention du diplôme d'ingénieur à l'EESC-USP. Bien que l'accès des groupes minoritaires brésiliens à l'enseignement supérieur ait augmenté au fil des ans, il est encore nécessaire d'analyser ces changements d'un point de vue plus critique, notamment en ce qui concerne l'accès des femmes noires à l'enseignement supérieur. Sur la base d'une recherche bibliographique, les principales inégalités constatées pour les femmes noires sont les suivantes : profils économiques, sociaux et familiaux ; présence et performances dans l'enseignement supérieur et dans les cours de d'ingénierie. Dans les résultats, après avoir montré les particularités de ces inégalités, des défis sont proposés aux femmes noires pour faire face aux situations et aux sentiments tels que la démotivation, le manque d'appartenance et la faible estime de soi.

**Mots-clés:** Femmes noires. Ingénierie. Défis. Égalité raciale. Égalité des sexes.

## INTRODUÇÃO

O crescimento do ensino superior brasileiro, tanto em termos de número de vagas quanto em diversificação de formas de ingresso, vem aumentando o acesso de grupos diversos de raça e cor. Ao se tratar especificamente de mulheres negras, evidencia-se uma inserção menor se comparada às mulheres brancas. Portanto, é necessário tomar atenção nas implicações causadas por essas mudanças, não somente no que diz respeito à estrutura educacional, como também no mercado de trabalho (Marcondes et al., 2013).

A participação de mulheres negras no ensino superior tem crescido nos últimos anos, não somente em virtude de ações das próprias instituições de ensino, como também de ações do Estado, comprovando-se assim a sua efetividade e necessidade de continuidade. Apesar da continuidade necessária, essas ações de inclusão devem ser analisadas de maneira crítica, notando-se a presença da hierarquização, a qual se trata da intensa diferenciação entre cursos e instituições de ensino superior. Essa hierarquização provoca acesso diferenciado a determinados cursos e instituições para grupos historicamente sub representados (Sotero, 2013).

Segundo Fontoura e Rezende (2017), as mulheres negras representavam 27,1% da população brasileira, entretanto, no mesmo ano, apenas 17,9% dos diplomas de ensino superior eram conseguidos por essas mulheres.

Embora ainda não exista um equilíbrio no número de mulheres nas áreas de Ciência e Tecnologia, é perceptível um aumento gradativo de mulheres nas Engenharias. O ingresso de estudantes negros ainda é baixo e não obstante os cotistas tenham melhorado o seu desempenho gradativamente ao longo do curso, as mulheres negras

continuam com os índices de desempenho mais baixos de suas turmas, mostrando que as políticas de cotas ainda precisam melhorar em relação às questões interseccionais de gênero e raça (Medeiros; Albiero, 2017).

Na Universidade de São Paulo (USP), muitas estudantes negras do campus de São Carlos relatam ter vivido situações de discriminação, nas quais foram impedidas de adentrar alguma dependência da USP, por exemplo (Muñoz; Oliveira; Santos, 2018). Entretanto, estudos sobre a temática com o recorte das estudantes negras da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC-USP) não foram realizados.

Com base no exposto, o objetivo principal deste artigo é compreender as principais desigualdades enfrentadas pelas estudantes negras nos cursos de graduação da EESC-USP, de forma a propor possibilidades para tornar esse ambiente mais inclusivo para essas estudantes.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### **A NECESSIDADE DA VISÃO INTERSECCIONAL SOBRE GÊNERO E RAÇA**

Recentes estudos sociológicos estão voltados para a compreensão e análise da intersecção entre as variáveis de raça, gênero, sexo, geração e classe. Essa perspectiva visa observar a articulação entre essas diferenças, enquanto marcas sociais, para a construção social das desigualdades. Tais pesquisas passaram a ser foco de estudos, principalmente, depois da Conferência de Durban (Carneiro, 2002), quando foram levantados alguns questionamentos sobre a relação entre raça, gênero e pobreza, as reparações e as necessárias discussões sobre o período de tráfico e colonização dos países africanos, a globalização como intensificador da pobreza, o debate dos povos indígenas e a questão do tratamento do sionismo como uma nova forma de racismo.

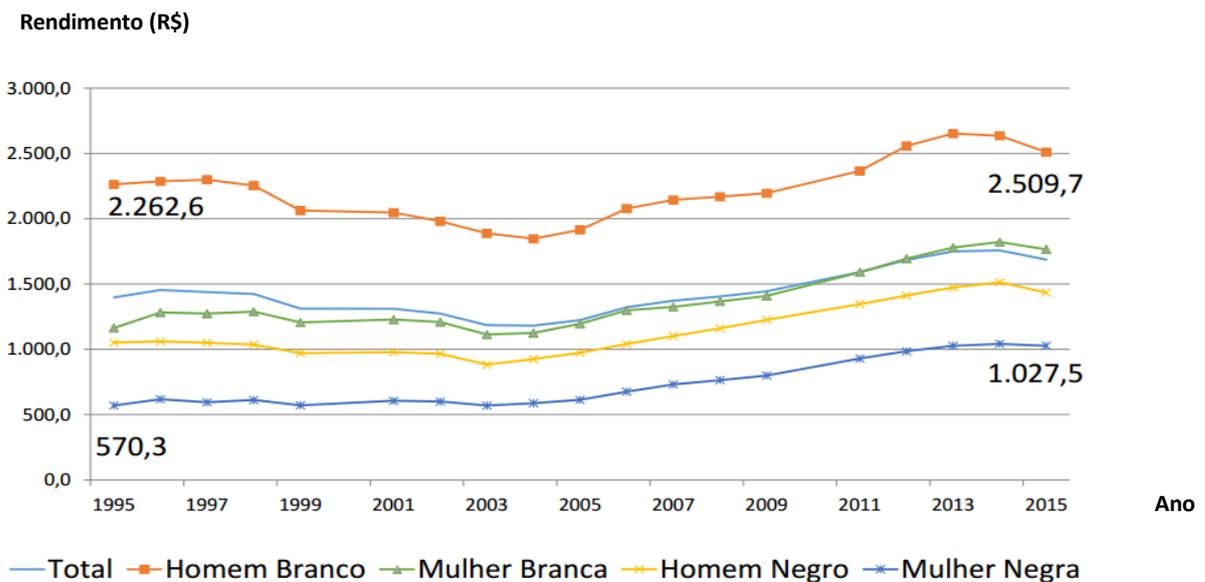
Segundo Castro (2011), se não fosse a atenção dada ao gênero, algumas formas de racismo passariam despercebidas. Ademais, as mulheres permanecem à margem nas políticas masculinistas de libertação e nas lutas comunitárias contra o racismo. Dessa maneira ela defende a necessidade de estabilização de diálogos sobre o modo como o racismo, a exploração de classe, o gênero e a homofobia se cruzam e se complementam.



Segundo Silva (2013), desde 2008 o número de mulheres negras vem aumentando, superando a população de mulheres brancas no Brasil, o que não é resultado de algum aumento na taxa de natalidade ou fecundidade, mas sim resultado de uma maior valorização da população negra como tal. Essa mudança de como as pessoas declaram a própria cor certamente possui influência na inserção do tema cada vez mais na agenda pública.

Segundo Silva (2013), por mais que as mulheres negras tenham alta representatividade na chefia de famílias, essas são as famílias com as menores rendas *per capita* entre todos os grupos de gênero e raça brasileiros, conforme mostrado no Gráfico 1 (IPEA, 2018).

**Gráfico 1** – Rendimento médio mensal (em reais) no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça no Brasil de 1995 a 2015.



Fonte: IPEA (2018).

Com base nos dados trazidos por IPEA (2018), é evidente a percepção de como as mulheres negras fazem parte de um abismo social brasileiro e, mesmo quando comparada com as mulheres brancas ou homens negros, essas [as mulheres negras] se configuram em uma posição de desigualdade e maior marginalização social.

## DESIGUALDADES NA PRESENÇA ACADÊMICA DAS MULHERES NEGRAS

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE, 2019) mostram que 91% das mulheres negras concluem o ensino médio em escolas públicas brasileiras, que é o maior percentual entre todos os grupos verificados.

De fato, a questão socioeconômica está diretamente ligada ao tipo de instituição de ensino que o indivíduo cursa, tanto no ensino médio, quanto no superior. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE, 2018), 46,7% dos estudantes de ensino médio das escolas privadas pertenciam às famílias 20% mais ricas do país enquanto que na rede pública apenas 5,6% dos estudantes pertenciam às famílias 20% mais ricas do Brasil. Dessa maneira, essas informações corroboram os relatos das entrevistadas, as quais alegam que o perfil socioeconômico dos estudantes das escolas públicas é majoritariamente caracterizado por estudantes de famílias pobres. Ainda segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Suplementar de Educação (IBGE, 2018), 30,5% dos estudantes de instituições públicas de ensino superior pertencem ao grupo dos 20% mais ricos do país, enquanto que a população 20% mais pobre do país representa apenas 9,7% do total de estudantes nas instituições públicas de ensino superior.

Para discutir outros aspectos que englobam o crescimento do ensino superior, Sotero (2013, p. 43) utiliza o termo da hierarquização do ensino superior, por meio do qual argumenta que a expansão do ensino superior resulta na manutenção de privilégios:

[...] pois “as mais altas instituições escolares e, em particular, aquelas que conduzem às posições de poder econômico e político, continuam sendo exclusivas como foram no passado” (Bourdieu; Passeron; Champagne, 2007, p. 223). Para os autores, as desigualdades em um sistema de ensino aberto a todos não tendem a diminuir: ao contrário, o sistema de ensino tem a façanha de reunir aparências da “democratização” com a realidade de reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social.

Para pensar na estratificação de carreiras, Sotero (2013) sugere retirar do centro as escolhas individuais e pensá-las como escolhas estruturais, definindo a instituição escolar como um espaço de legitimação da ordem social estabelecida. Para Sotero (2013), a escolha das carreiras universitárias é determinada socialmente e mulheres brancas, negras e homens negros possuem uma gama de possibilidades muito similar e esses estão presentes nas universidades de maneira diferente dos homens brancos. As carreiras mais masculinas têm menor presença de pretos e pardos, o que é contrário para as carreiras



mais femininas, concentrando esses grupos em carreiras de menor prestígio, ou seja, carreiras menos valorizadas no mercado de trabalho.

### MÉTODOS DE PESQUISA DE CAMPO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, elaborada a partir das orientações de Gerhardt e Silveira (2009) e cuja coleta de dados se deu por meio de entrevistas, cujo roteiro foi elaborado a partir, principalmente, dos pontos levantados anteriormente na revisão bibliográfica. As entrevistas foram realizadas em forma de diálogo com a entrevistadora, mas as respostas, bem como identidade das participantes da entrevista foram mantidas em anonimato. As entrevistas foram realizadas de maneira individual, por meio de vídeo chamada na plataforma *Google Meet*, com a participação exclusiva das entrevistadas (cada uma individualmente) e da entrevistadora. As entrevistas foram gravadas, transcritas e as entrevistadas participaram das entrevistas com câmeras desligadas. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que continha todos os termos de condução da entrevista, bem como riscos de participação.

Para as entrevistas, o termo “experiência acadêmica” foi definido como toda a experiência de um estudante, a qual inclui a sala de aula, atividades extraclasse (esportes, pesquisa, instituições estudantis), atendimento pelos funcionários do campus, programas de acolhimento e permanência, currículo obrigatório acadêmico, modelo de avaliação, ambiente remoto, atividades acadêmicas, normas universitárias e todas as questões relacionadas à vida universitária. Essa definição foi informada no início das entrevistas para todas as participantes.

Para as entrevistas, foram convidadas quatro estudantes autodeclaradas negras com pelo menos 4 anos de vivência acadêmica em cursos de graduação da EESC/USP, que têm duração de 5 anos, independentemente do ano curricular cursado pela estudante. Subtraiu-se 1 ano, pois no último ano de curso, um estudante ideal geralmente realiza o estágio e, por consequência, não frequentará o campus nem as salas de aula com a mesma intensidade dos 4 anos anteriores. Este fator foi levado em consideração já que, tratando-se de um grupo minoritário, não era esperado que as entrevistadas estivessem em seus períodos ideais de curso. Para a pesquisa, o fator mais relevante foi o tempo total, em anos, em que a estudante despendeu no curso de Engenharia.



Para preservar a identidade das participantes, o estudo não divulgou os cursos de Engenharia das participantes, pois, em muitos casos, estas são as únicas mulheres negras de suas turmas. No Quadro 1 são apresentados os perfis das quatro participantes da pesquisa.

Todas as participantes da entrevista são atualmente estudantes da EESC-USP, mas nem todas iniciaram seus cursos de Engenharia nesta instituição de ensino. Os nomes das instituições anteriores serão preservados, a fim de garantir o anonimato das participantes. Entretanto, cabe ressaltar que se tratam de universidades públicas, localizadas no estado de São Paulo, reconhecidas por possuírem vestibulares concorridos e que fazem o uso de ações afirmativas em seus vestibulares. Todas as entrevistadas que iniciaram os seus cursos de Engenharia em outra instituição de ensino superior eram cotistas raciais na instituição anterior. Cabe, ainda, ressaltar que as experiências relatadas nas entrevistas, referem-se às experiências vividas exclusivamente na EESC/USP, ainda que relatos sobre experiências vividas em outra instituição de ensino fossem explicitados pela entrevistada.

**Quadro 1 – Perfil das participantes estudantes de Engenharia<sup>5</sup>**

<b>Perfil</b>	<b>Participante 1</b>	<b>Participante 2</b>	<b>Participante 3</b>	<b>Participante 4</b>
<b>Autodeclaração racial</b>	Preta	Parda	Preta	Preta
<b>Idade</b>	23 anos	23 anos	27 anos	22 anos
<b>Tempo de curso em engenharia</b>	4 anos	5 anos	5 anos	4 anos
<b>Grau de escolaridade dos pais</b>	Fundamental Incompleto	Fundamental Incompleto	-	Pós-Graduação
<b>Renda per capita</b>	R\$ 1010,00	R\$ 875,00	-	R\$ 3000,00
<b>Tipo de IE no ensino médio</b>	Pública	Pública	-	Pública
<b>Estrutura Familiar</b>	Tradicional	Tradicional	-	Tradicional
<b>Trabalho durante o ensino médio</b>	Sim	Não	-	Sim
<b>Trabalho durante o ensino superior</b>	Não	Não	Não	Sim
<b>Cotista racial</b>	Sim	Sim	-	Sim
<b>Tempo de curso na EESC-USP</b>	2 anos	4 anos	5 anos	3 anos

*Fonte:* Elaborado pelos autores.

<sup>5</sup> No Quadro 1 os espaços em que não constam as informações da participante, indicam que a mesma não respondeu ou não soube responder à pergunta feita pela entrevistadora.

## DESIGUALDADES NO PERFIL ECONÔMICO DAS MULHERES NEGRAS NA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS

As participantes do estudo relataram muitas dificuldades relacionadas às questões financeiras em suas jornadas acadêmicas. O fator socioeconômico deve ser levado em consideração, pois segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2018), a renda média de brasileiros pretos e pardos chega a ser 42,5% menor do que a renda de brasileiros brancos. Dessa maneira, é possível inferir que se uma pessoa negra for escolhida ao acaso, há maiores chances de que a renda desse indivíduo seja mais baixa do que a de uma pessoa branca. Logo, torna-se relevante estudar o impacto da questão socioeconômica no contexto das estudantes negras dentro do ambiente acadêmico de ensino superior nos cursos de graduação da EESC/USP, uma vez que já foi verificado que uma parcela considerável dos estudantes do ensino superior público pertence a famílias com menor renda *per capita*.

Segundo as participantes, as questões socioeconômicas mostraram ser barreiras capazes de fortalecer a segregação dentro da universidade e o sentimento de não pertencimento entre as estudantes negras. A Participante 4 relata pertencer a uma família bem estruturada financeiramente, e considera que esse fator facilitou muito em sua experiência acadêmica, entretanto, foi possível perceber que apenas o fato de ter uma família bem estruturada, não foi o suficiente para que a estudante deixasse que encontrar barreiras em sua jornada acadêmica na EESC-USP, como notou-se ao longo da entrevista. “Minha família é estruturada financeiramente, então por conta disso eu não precisei trabalhar [...]. Então o fato de eu ter uma família estruturada financeiramente, fez com que eu tivesse uma experiência mais tranquila, como ter um apartamento só meu”. (Participante 4).

Para a Participante 4 foi benéfico não ter que depender das ações de inclusão socioeconômicas da USP. Entretanto, é necessário ressaltar que para as estudantes que não possuíam suficiente suporte financeiro familiar, as ações afirmativas socioeconômicas, já existentes na USP, foram benéficas em suas experiências acadêmicas. A Participante 1, por exemplo, relata que acaba não tendo que depender tanto de seus pais por receber os auxílios da USP, já a Participante 2 relata que os auxílios e as bolsas auxiliaram com parte das despesas.



Portanto, com base nos relatos das participantes do estudo, foi possível inferir que o suporte financeiro oferecido pela USP tem auxiliado as estudantes negras de baixa renda em suas jornadas acadêmicas. Entretanto, fica claro que os auxílios ajudam a cobrir apenas parte das despesas básicas, mas não é capaz de corrigir as diferenças socioeconômicas fortemente evidenciadas no contexto acadêmico da EESC-USP.

De fato, apesar de se mostrarem extremamente importantes, os auxílios oferecidos pela USP não são capazes de tornar as estudantes menos propensas a desistirem de seus cursos por conta das questões financeiras. As Participantes 1 e 2, que relataram terem sido beneficiadas pelos auxílios, ainda mencionam que os fatores financeiros afetaram sua motivação e as tornaram mais propensas a pensar em desistir do curso de Engenharia na EESC. “Eu sempre pensava que eu estava sendo um problema para os meus pais, pois a minha graduação poderia estar ficando um pouco pesada [financeiramente] para eles” (Participante 2).

Eu apenas penso em desistir, mas não acho que vou efetivamente acabar desistindo. Acho que os principais motivos seriam a pressão da graduação e a questão financeira. Eu acho que estou ficando velha para não ter dinheiro ou uma profissão. Às vezes penso em desistir para talvez prestar um concurso e conseguir ter alguma estabilidade financeira (Participante 1).

Todas as participantes do estudo pertenciam a famílias compostas por pai e mãe como líderes do núcleo familiar, tendo na figura paterna a principal fonte de renda do núcleo. Por não haver participantes pertencentes a famílias de estruturas diferentes, não foi possível verificar nenhuma barreira em especial nesta temática para as estudantes negras da EESC-USP.

Mesmo que as participantes sejam de famílias com líderes que possuem diferentes níveis de escolaridade, todas relataram ter recebido apoio familiar no que diz respeito ao acesso ao ensino superior no curso de engenharia, mesmo quando essa referência não é encontrada dentro do núcleo familiar.

Acredito que a minha estrutura familiar influenciou no acesso à faculdade. Pude ver que estudar é uma forma de crescer. Eu senti que tinha a responsabilidade de ter a oportunidade que eles [os pais] não tiveram. Acho que a falta de espelho no ambiente familiar não foi um problema, pois eu busquei referências em outros lugares (Participante 1).

Por não conseguirem ter terminado os estudos e por não poderem trabalhar com algo que realmente gostavam, eles [os pais] sempre me incentivavam bastante a



estudar, terminar o ensino médio, fazer uma faculdade e trabalhar com algo que eu goste (Participante 2).

Não obstante todas as participantes do estudo terem relatado apoio familiar no que diz respeito ao prosseguimento dos estudos na EESC, não é possível afirmar que este é um denominador comum ou não no contexto das estudantes negras da EESC-USP. Entretanto, a partir dos relatos das estudantes foi possível verificar que o apoio familiar é um fator importante para a melhoria da experiência acadêmica dessas estudantes e redução de barreiras a serem enfrentadas.

Eu via os meus colegas podendo voltar para a casa da família todas as semanas, levavam roupas para lavar em casa. Esse suporte da família eu acho que é muito importante. Como eu não podia voltar para a casa da minha família todas as semanas eu não tinha esse suporte próximo e isso era bem mais difícil. Eu pude contar muito com a minha família apenas à distância (Participante 3).

Foi possível verificar que as participantes não precisaram encontrar uma engenheira negra como referência dentro do núcleo familiar para que pudessem se sentir apoiadas por suas famílias durante o ensino superior.

### **DESIGUALDADES NA PRESENÇA ACADÊMICA DAS MULHERES NEGRAS NA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS**

A Participante 2 relata que o seu principal círculo de amizades eram as pessoas que vivem no alojamento universitário, pois, segundo ela, são pessoas com uma realidade mais parecida com a dela. Para as participantes 1 e 3:

Você chega aqui e leva um baque tão forte, que você se pergunta se você deveria realmente estar aqui. Penso isso porque a galera tem mais base do que eu, e eu não falo isso por conta da família, eu falo por conta da questão financeira também. A maior parte da galera aqui é branca e tem uma realidade diferente da minha, então eu me sinto meio deslocada porque não tem ninguém que se parece [comigo], ou tem uma realidade parecida com a minha (Participante 1).

É estranho porque eu via o Brasil como um país diverso, mas eu não me deparei com isso na universidade. Eu comecei a perceber um desequilíbrio social estampado na EESC. Por ser um campus só de exatas, existem poucas mulheres. Isso faz com que eu tenha uma sensação constante de ter que me provar nesse espaço (Participante 3).



Não obstante a necessidade de referência extrafamiliar no contexto das estudantes negras da EESC-USP, as participantes do estudo não relataram encontrar essas referências no ambiente acadêmico. “Não enxergo a representatividade brasileira na minha sala de aula. Na minha turma há apenas duas mulheres negras de um total de 5 mulheres na turma” (Participante 1). “Não enxergo representatividade na sala de aula. No alojamento eu consigo enxergar mais. Tem apenas 4 meninas na minha turma e eu sou a única negra” (Participante 2). “O meu ano foi o ano recorde de mulheres no curso, com apenas 7 mulheres e eu era a única negra. Entretanto, depois do meu ano, as turmas seguintes tinham uma média de 4 estudantes” (Participante 3).

Não enxergo representatividade na faculdade, primeiro porque eu não tenho professor negro da EESC. Depois, os servidores em sua maioria são brancos, e nem mesmo os estudantes são negros. Na minha sala só tem mais uma menina negra além de mim. Sendo que na minha turma havia uma cota para ter um certo tipo de pessoas negras e nem mesmo essas cotas foram ocupadas (Participante 4).

As percepções das estudantes são corroboradas pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE, 2019) em sua Pesquisa Contínua e Suplementar de Educação ocorrida entre 2016 e 2018, na qual é possível verificar que as engenheiras negras representam apenas 2% dentre as mulheres negras formadas em um ensino superior público.

Segundo as entrevistadas, a falta de representatividade no ambiente acadêmico foi uma barreira que afetou negativamente em suas experiências acadêmicas. “Às vezes você entra em uma turma que tem poucas mulheres, então é normal que os professores já marquem o nome das mulheres primeiro e isso faz com que você sinta que estão prestando mais atenção em você. O que é desconfortável” (Participante 3). “Às vezes considero a falta de modelos uma desvantagem para a mulher negra, porque a gente não conhece muitas mulheres negras na Engenharia” (Participante 2).

Além disso, as participantes relacionaram o sentimento de segregação e não pertencimento à falta de representatividade dentro do ambiente acadêmico na EESC:

Fica muito difícil de eu me sentir como alguém pertencente em um espaço onde eu não identifico a minha identidade visual. Até porque no lugar onde fui criada a maioria das pessoas são negras, mas é “uma faca de dois gumes”, porque as outras pessoas da faculdade acabam não se identificando comigo também. Não é à toa que eu e a outra menina negra da minha sala, temos uma conexão de identidade mesmo. Isso acontece porque às vezes em uma conversa simples você sente que aquela pessoa viveu as mesmas coisas que você e isso conecta as pessoas (Participante 4).



No segundo ano eu entrei em uma extracurricular, da qual participo até hoje. Lá tem bastante mulheres e tinha a presença de mulheres negras. Lembro-me que no processo seletivo, uma das pessoas que me entrevistou era uma mulher negra. Lembro-me que foi uma experiência muito boa (Participante 2).

## **DESIGUALDADES NO DESEMPENHO ACADÊMICO DAS MULHERES NEGRAS NA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS**

Com base no perfil estabelecido entre as entrevistadas foi visível a prevalência de estudantes negras oriundas de escolas públicas brasileiras. Para as entrevistadas, ser oriunda de escola pública foi uma das barreiras encontradas durante suas jornadas no ensino superior nos cursos da EESC-USP. Os principais motivos levantados foram a falta de base educacional para acompanhar os estudos e também o choque cultural evidenciado pela diferença de perfil dos estudantes das escolas de ensino médio público e dos estudantes do ensino superior público.

Segundo as entrevistadas, a base de ensino obtida no ensino médio público não era suficiente para que elas conseguissem acompanhar o curso no mesmo ritmo que os outros estudantes de turma: “Lembro-me da matéria de Química, quando o professor perguntava se alguém já tinha visto aquilo no ensino médio, várias pessoas diziam que já tinham visto, mas eu nunca tinha visto e nem sabia o que era aquilo” (Participante 2).

Só para você ter ideia. Eu me lembro no meu primeiro ano, no laboratório de Química. Eu estava super animada, porque era a primeira vez que eu entrava em um laboratório de Química. A minha colega de turma então comentou do meu lado: nossa, que chato ter que fazer tudo isso de novo! Eu já fiz isso no cursinho (Participante 3).

Adicionalmente, a ausência de uma base curricular sólida no ensino médio, é um dos fatores apontados como causas para uma queda no desempenho acadêmico, motivação e propensão à defasagem de conteúdo por falta de acesso de uma das entrevistadas:

Eu tive um ensino médio muito frágil em alguns pontos. Tipo, eu era muito boa em Física, em Matemática, mas em Química, por exemplo, eu não sabia algumas coisas, [...] Biologia e Química foram as matérias mais frágeis para mim, pois tive professores que tiraram licença e eu tinha muita dificuldade. Então essa experiência dificultou bastante quando eu entrei na faculdade. Primeiro para entrar na faculdade, já que isso dificulta quando você vai fazer o vestibular e também quando eu cheguei na faculdade. Todas essas coisas poderiam ter sido mais fáceis se eu tivesse tido um ensino médio melhor. Eu tive muita dificuldade



em Cálculo. “Bombei” Cálculo várias vezes, “bombei” Física. Todo esse fato de eu não ter tido um bom ensino médio e não ter tido toda a base necessária dificultaram bastante (Participante 4).

Com base nos relatos das entrevistadas, foi possível perceber que a diferença de base de ensino médio começou a ser um dos primeiros fatores de segregação dentro do ambiente acadêmico. “Na minha sala tem muita segregação entre as pessoas que vieram de bons colégios e tiveram uma boa base no ensino médio. Já a galera que entrou por cota de escola pública fica separada. Então a experiência em si é diferente” (Participante 4).

Então até eu nivelar com o grau de preparação que a minha turma tinha, tomou-se um tempinho. Dessa forma, eu fui ficando atrás. E depois vem uma luta para conseguir encaixar as matérias que você não fez. Então acabei fazendo matérias com outras pessoas. Isso me forçou a aprender a chegar em pessoas novas. Porque eu sempre era a estranha (Participante 3).

Para algumas das participantes, a questão socioeconômica esteve diretamente ligada ao tipo de instituição de ensino na qual ela cursou o ensino médio. As participantes alegam que os estudantes do ensino médio de escolas públicas são mais pobres, enquanto que os estudantes do ensino superior de instituições públicas são mais ricos. As participantes relataram que essas barreiras socioeconômicas geraram maiores dificuldades durante as suas experiências acadêmicas na EESC-USP, relacionadas principalmente ao sentimento de pertencimento ao grupo:

Para mim, foi um choque elitista muito forte. No ensino médio, como eu venho de escola pública, a grande maioria dos meus colegas eram pobres, como eu. Então nós tínhamos muitas experiências de vida semelhantes. Nossas famílias enxergavam que após o ensino médio era o momento de buscar um emprego. Após o ensino médio eu tive que trabalhar para conseguir juntar dinheiro para poder me sustentar na faculdade. Minha realidade é muito diferente da realidade da maioria do pessoal daqui, em que a maioria saiu direto do ensino médio e são sustentados pelos pais. Eles não possuem algumas preocupações como ter que pagar contas e ter que pagar o aluguel. A USP é muito elitista e têm muitas pessoas brancas (Participante 1).

Na escola pública que estudei, tinha a galera com mais dinheiro, mas também tinham pessoas mais pobres, mas lá era tudo muito mesclado e todos se tratavam como iguais. Acabava se tornando algo homogêneo. Só que aqui na faculdade não tem como a gente ser igual, porque na minha sala têm pessoas com vivências muito diferentes. E essa diferença tão grande de *backgrounds* impactam porque é difícil de você fazer amizade com essas pessoas que possuem esses vieses tão diferentes dos seus (Participante 4).

Acredito que o curso seja hierarquizado por vários motivos, por ser um curso que exige uma preparação maior para os estudantes entrarem. Então vem todo aquele



sistema de fazer o cursinho para se preparar melhor. Eu tive colegas que fizeram 2 anos de cursinho para conseguir entrar. Então tem que ter condições financeiras para bancar essa preparação, para poder ingressar no curso. Então já existe um filtro desde o começo. Não que não existam estudantes de escolas públicas que tenham entrado no curso sem ter que fazer cursinho, mas esse não é o denominador comum. Como a maioria eram pessoas que tinham essa estrutura de econômica de pagar o cursinho e se manter, então eu acredito que esse seja um fator de hierarquização. Ao meu ver, ele já começa logo no ingresso. (Participante 3).

## **IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DAS DESIGUALDADES SENTIDAS POR MULHERES NEGRAS NA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS**

Os relatos das participantes foram fortalecidos por diversos autores, os quais correlacionam o sentimento de pertencimento à identidade do indivíduo. Por sermos seres sociais a nossa definição de identidade é pautada nos contextos históricos e sociais que constituem os sujeitos. Ao se reconhecer como pertencente a essa identidade é possível o estabelecimento do sentimento de pertencimento:

Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa delas supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (Gomes, 2003, p. 171).

Portanto, o sentimento de não pertencimento ao ambiente acadêmico da EESC-USP, relatado pelas entrevistadas é justificado, pois essas estudantes estão inseridas em um ambiente em que o grupo social de referência é de identidade diferente da identidade dessas estudantes.

A identidade pode ser dividida em três tipos: a de função, a social e a individual. A identidade de função diz respeito à função que os indivíduos aplicam a si mesmos. A identidade de engenheiro, por exemplo, é uma identidade de função pois diz respeito a um personagem fictício específico que um indivíduo representa na sociedade. A identidade social está relacionada com a identificação de um indivíduo como um grupo social. Grupos sociais englobam grupos em que há a participação em um grupo interno associado e outro externo desassociado. Ter acesso e se adequar a um determinado grupo socialmente estabelecido com base em características como raça, gênero e etc., é

considerado um tipo de identidade social. A identidade individual está relacionada com o entendimento de indivíduo como único (Ross; Godwin, 2016).

As identidades sociais e de função devem estar alinhadas para a garantia do sentimento de pertencimento. Apesar de as identidades sociais e de função serem específicas de um indivíduo, estas também incluem expectativas coletivas sobre o que significa exercer determinada função ou pertencer a um determinado grupo na sociedade. A distinção dessas identidades nos permite entender de maneira mais clara como os indivíduos vêm a si próprios e como eles interagem com o mundo. Quando a identidade individual e a social estão alinhadas, são criadas oportunidades de segurança sobre as percepções pessoais do indivíduo, bem como a capacidade de receber aprovação, reconhecimento e aceitação dos outros. Para as mulheres negras, lidar com a sua identidade social e de função pode ser difícil na indústria da Engenharia, uma vez que representam a intersecção de serem mulheres e negras em um contexto masculino e branco (Ross; Godwin, 2016).

As participantes da pesquisa relataram dificuldade de socialização no ambiente acadêmico, diante do desalinhamento entre a sua identidade individual e a sua identidade social:

Na minha turma tinham dois meninos negros, três meninas brancas, mas eu era a única que era isolada e a única que é mulher e negra. Quando eu entrei na faculdade, eu senti que as pessoas não queriam muito se aproximar de mim da mesma forma como se aproximavam dos outros colegas que entraram junto comigo (Participante 2).

Ademais, a partir dos relatos das estudantes foi possível verificar que o sentimento de exclusão e de não pertencimento ao grupo predominante no ambiente acadêmico da EESC-USP foi capaz de influenciar em aspectos educacionais das estudantes. “Acho que às vezes o pessoal tem grupos formados, os quais compartilham informações e conteúdo da disciplina. Por eu não fazer parte desses grupos eu fico de fora” (Participante 2).

A galera se junta para estudar sempre com o mesmo grupinho, então ocorre um processo de exclusão. Eu me lembro que eu acabava podendo contar com a outra estudante negra da minha sala, quando precisávamos nos ajudar com coisas da faculdade. Acabava que eu sempre lembrava dela e ela sempre lembrava de mim nesses momentos (Participante 4).



Não obstante sejam vítimas de segregação social, em vista da falta de identidade com o grupo social predominante, as estudantes puderam ainda sofrer com a pressão social dos colegas por estas não conseguirem se enturmar, por meio de humor hostil.

Teve uma vez que um rapaz da minha turma me contou que me chamaram de fantasma, porque o pessoal da turma dizia que não me via na turma. Não é legal ter que ouvir esse tipo de coisa. Eu fiquei bastante surpresa quando ouvi (Participante 2).

Você perde um pouco do que você é, apenas para poder fazer parte (Participante 3).

Com o relato da Participante 2, ficou evidente que as barreiras enfrentadas pelas estudantes negras da EESC-USP não se limitam apenas a como essas estudantes percebem o ambiente, mas também abrange como o ambiente as percebem.

Eu nunca sofri nenhuma situação explícita de racismo durante o curso, mas eu acho que todas as coisas que vêm no pacote de ser mulher negra, acabam trazendo a exclusão e o sentimento de não pertencimento em alguns espaços. Tudo por conta do racismo no nosso país (Participante 4).

Com base na fala da Participante 4, foi possível verificar que a mesma relata nunca ter sofrido uma situação explícita de racismo, mas ao mesmo tempo justifica no racismo algumas das experiências vividas. De fato, as formas de expressão do racismo vêm se alterando ao longo dos anos. Essas novas formas de expressão do racismo, em contraponto com as expressões abertas e flagrantes do passado, situam-se no âmbito das relações interpessoais e se referem a comportamentos discriminatórios da vida cotidiana.

[...] O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. [...] O racismo repousa sobre uma crença na distinção natural entre os grupos, ou melhor, envolve uma crença naturalizadora das diferenças entre os grupos, pois se liga à ideia de que os grupos são diferentes porque possuem elementos essenciais que os fazem diferentes [...] (Lima; Vala, 2004, p. 402).

Portanto, a partir dessas definições, foi possível inferir que o racismo não se limita às situações explícitas de preconceito racial, mas também engloba as situações sutis de exclusão, discriminação ou crença de distinção natural de um grupo com base em sua cor ou raça.



Não obstante as novas formas de expressão do racismo se apresentem de maneira mais invisível, as participantes do estudo foram capazes de identificar algumas experiências vividas na EESC-USP como sendo racistas, machistas e/ou preconceituosas. Apesar de as entrevistadas terem relatado experiências desse gênero, nem todas as participantes se sentiram confortáveis para falar sobre as mesmas. Dessa maneira, foi possível apresentar apenas alguns exemplos de situações vividas pelas participantes, as quais foram consideradas por elas mesmas de alguma maneira racistas, machistas ou preconceituosas: “Os próprios professores fazem comentários machistas que impactam na autoestima das meninas” (Participante 4). “Tive um colega de sala que disse que achava ridículo a USP aceitar mulheres e negros nos cursos de Engenharia” (Participante 1).

Certo dia eu e minha turma estávamos saindo da sala de aula e fomos para um prédio externo, onde ficam os laboratórios. Eu estava caminhando junto dos meus colegas de turma e acabei sendo a última a entrar no prédio. Quando fui entrar, um guarda me abordou e fez um sinal para que eu parasse. Ele me abordou e perguntou o que eu tinha ido fazer lá, eu respondi que estava indo ter aula. Em seguida ele perguntou com quem, eu respondi o nome do professor. O guarda seguiu realizando diversas perguntas para mim. Por fim, o guarda ainda pediu a minha carteirinha de estudante, para que eu comprovasse que eu era estudante. Naquele momento eu comecei a ficar em choque (Participante 3).

A Participante 3, que fez o relato anterior, relatou que no primeiro momento, tentou entender se aquilo realmente era racismo ou não, mas depois a estudante relata que percebeu as individualidades da situação:

Eu fiquei me perguntando: por que comigo? O que eu fiz de errado? Tentei entender o motivo daquilo, mas depois eu percebi que eu nunca vi um guarda daquele prédio pedir a carteirinha para nenhum estudante. Além disso, tiveram estudantes que entraram na minha frente e não foi solicitada a carteirinha de nenhum deles e o guarda não ficou perguntando nada em tom intimidador para esses estudantes (Participante 3).

Ademais, a estudante foi capaz de relatar o impacto da experiência em seu dia. Tal situação demonstrou ter impacto negativo em aspectos emocionais, psicológicos e educacionais da estudante.

Nesse dia eu lembro que eu não consegui prestar a atenção na aula e em nenhuma outra coisa. Fiquei tentando assimilar a situação que havia ocorrido. Pensei até em procurar a universidade para relatar o caso, mas preferi não falar para ninguém para que eu não tivesse problemas. Entretanto, eu me arrependo de não ter relatado. Acho que era da minha responsabilidade ter relatado, para que isso não



aconteça no futuro com outras estudantes negras do meu curso. Sei que esse funcionário nem se lembra mais de mim, mas sinto que esse ele me marcou para a vida inteira por conta dessa situação (Participante 3).

A partir do relato das participantes, é possível verificar a menção de mudanças nos aspectos emocionais e atenção à aula diante do evento ocorrido: “A pessoa que é desfavorecida deixa de viver certas coisas porque ela está mal psicologicamente, porque ela sofre racismo, porque ela é discriminada” (Participante 4).

Com base no que já foi levantado neste trabalho até o momento, foi possível verificar que as estudantes negras da EESC-USP que participaram deste estudo tiveram que enfrentar diversas dificuldades em suas experiências universitárias pelo fato de pertencerem a um grupo interseccional de minoria que são as mulheres negras. O conjunto de desigualdades sentidas pelas estudantes negras entrevistadas neste artigo pode, então, influenciar em seu desempenho acadêmico.

De modo geral, as participantes do estudo relataram sentir maior discriminação pelo fato de pertencerem a dois grupos minoritários, assim como a primeira engenheira negra do Brasil (BENITE, 2020). “Primeiro que a mulher negra carrega esse duplo preconceito, porque além de ela ser mulher, ela também é negra. Então eu acho que as dificuldades e as coisas que a gente tem que passar vêm bem mais fortes” (Participante 4). “Você sendo uma mulher negra, você tem que já saber a lidar com o dobro, que é o machismo e o racismo (Participante 3).

Eu acho que as dificuldades se apresentam de maneira mais intensa nas mulheres negras, porque elas começam em coisas simples, como a exigência estética e a necessidade de ter que se provar o tempo todo. Não deveria ter de fazer esforço para se encaixar, fazer esforço para mostrar que é capaz e esses esforços não deveriam existir. Algumas experiências na faculdade que deveriam ser simples, para adquirir conhecimento de maneira leve e saudável, acabam não acontecendo desse jeito, porque a mulher negra tem que lidar com todos esses aspectos. Então a mulher negra tem que ser muito forte emocionalmente e mentalmente para conseguir caminhar nessa jornada da engenharia (Participante 3).

Eu não acreditava que eu precisaria fazer o dobro ou o triplo depois que eu entrasse na faculdade, mas hoje, olhando para trás, eu vejo que eu fiz mais que o dobro ou o triplo. Eu fiz coisa que não dava para serem feitas nem em 6 anos de faculdade. Então eu vi que eu tive que correr mais rápido, eu estou fazendo tudo o que eu posso, mas mesmo assim provavelmente os caras da minha faculdade vão chegar muito mais longe, muito mais rápido. Porque eles tiveram todo o preparo, o benefício de nascer homem e todas as outras coisas que vêm junto com isso (Participante 4).



Como já foi tratado no início deste trabalho, no estudo de Medeiros e Albiero (2017), o desempenho acadêmico que uma estudante negra em um curso de Engenharia na UFTPR é na média pior do que o desempenho do restante da turma. Com base nos relatos das estudantes, foi possível verificar que esse fato se repete com as estudantes entrevistadas da EESC/USP: “No meu caso, a questão do desempenho é verdade. Eu tive mais reprovações do que a média da minha classe” (Participante 2).

A minha média ponderada era definitivamente menor do que o do restante da minha turma, mas acho que não é exatamente minha culpa, acho que isso acontece por um conjunto de fatores. Por muito tempo eu pensava que o problema era em mim, mas com o tempo eu comecei a perceber que não era culpa minha, mas era um conjunto de fatores, como por exemplo estar longe da minha família, em uma realidade diferente da minha e tendo que lidar com diversas preocupações (Participante 3).

Porque eu estou aqui, fazendo um monte de coisa e me matando para passar em geometria analítica, enquanto eu sei que hoje tem um cara da minha sala que vai estar em uma festa porque para ele isso não é nada? Então esse clima desmotiva muito, por saber que você está tendo que fazer o dobro ou o triplo para uma coisa que não foi culpa sua. Isso é muito cansativo e estraga toda a experiência acadêmica (Participante 4).

De acordo com os relatos das participantes do estudo, o baixo desempenho acadêmico das estudantes pode afetar a autoestima e o desejo de permanecer no curso da EESC-USP: “Definitivamente, só comecei a me sentir burra na faculdade. Quando eu cheguei na faculdade, tudo foi mais difícil” (Participante 4). “Já pensei em desistir várias vezes! Acho que num primeiro momento era porque eu não estava indo muito bem nas matérias” (Participante 2).

Eu me sentia um pouco sozinha, vamos dizer assim. Nos estudos, por exemplo. Esse é um assunto muito complicado para mim, porque eu perdi bastante confiança e isso afetou a minha autoestima intelectual. Eu me sentia burra e sentia que eu não era capaz, mas aos poucos eu fui tentando enxergar o porquê das coisas (Participante 3).

É difícil também de fazer um trabalho porque essa galera que tira notas melhores se junta para fazer um trabalho e a galera que não manda muito bem fica ali lutando para ver se consegue dar conta dos trabalhos. Então tudo isso é muito difícil. Tudo isso estragou a minha experiência acadêmica de um jeito que eu não tenho a mínima vontade de terminar esse curso. Eu estou terminando porque eu já comecei, mas eu não gosto, me faz mal, me sinto burra. É uma experiência muito difícil mesmo (Participante 4).



## DESAFIOS PARA MULHERES NEGRAS SUPERAREM ESSAS DESIGUALDADES E SEUS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS

Segundo o que foi relatado pelas participantes do estudo e confirmado por meio de dados estatísticos nacionais e outros autores, o ambiente acadêmico nos cursos de Engenharia não é inclusivo para as estudantes negras, em especial nos cursos da EESC-USP. Para as participantes do estudo, a falta de diversidade pode ser ruim não apenas para elas, mas também para os outros estudantes. “[...] O problema é que o pessoal aqui é muito igual, a gente não tem diversidade. Isso não dificulta apenas para mim, mas para todos, pois não estão sendo expostos à diversidade” (Participante 2).

Na outra instituição onde iniciei o curso de engenharia, tem um clima muito diferente da EESC e isso endossa o que eu já falei sobre a EESC ser muito mais hierarquizada. Na outra instituição eu me sentia burra, mas eu me sentia burra junto de outras pessoas. Na EESC isso não é assim. Eu me senti burra sozinha. Acho que tem muito a ver com a questão psicológica, porque esse clima todo te deixa muito insegura e sem vontade fazer as coisas (Participante 4).

Para algumas estudantes, a inclusão de disciplinas que tratem do tema na grade curricular poderia ser benéfica. Para a Participante 2, a inclusão de uma disciplina com o tema poderia ser benéfica para todos: “Pode melhorar a comunicação entre todos os estudantes e incentivar a criação do senso de comunidade. Mostrando aos estudantes que a turma é um grupo e que todos deveriam se dar bem com todos, tendo empatia um pelo outro” (Participante 2).

De fato, uma disciplina de caráter similar é oferecida pelo departamento de Engenharia de Produção desta escola. Trata-se da disciplina 1800115 – Habilidades Sociais e Liderança, a qual foi lecionada por uma psicóloga e possui uma ementa voltada ao desenvolvimento de empatia e habilidades sociais dos estudantes. Apesar do caráter positivo da disciplina, trata-se de uma disciplina optativa. Nenhum outro departamento da EESC-USP oferece uma disciplina de caráter similar.

Ademais, ainda carece o oferecimento de disciplinas que discutam questões mais amplas como o racismo, o machismo e outras formas de preconceito presentes em nossa sociedade, por parte dos departamentos da EESC/USP. Logo, a implementação de novas disciplinas desse caráter mostrou ser uma oportunidade para tornar seu ambiente acadêmico mais inclusivo.

Além disto, o posicionamento dos professores diante das adversidades existentes na sala de aula foi considerado um fator de oportunidade de melhoria para a EESC-USP, segundo uma das participantes.

Eu acho que também falta sentir que seus professores se importam com as suas questões. Não acho que isso seja responsabilidade dos professores, mas eu acho que tratar todos os estudantes como se eles estivessem vivendo as mesmas coisas é algo errado. Eu tenho uma professora da EESC que consegue ver as especificidades de cada estudante, ela consegue perceber os estudantes que possuem maiores dificuldades. Você não precisa contar os seus problemas pessoais para ela, mas ela consegue perceber que os estudantes não são iguais e ela leva isso em consideração. Eu não estou dizendo que professor tem que ser psicólogo agora, mas também acho que fingir que esses problemas não existem não é o caminho (Participante 4).

Essa depoente ainda propõe aperfeiçoamento da capacitação de funcionários:

Acho que falta um psicólogo nessa faculdade. Eu sei que tem psicólogo, mas acredito que poderia ser melhorado. Precisam dar mais suporte para os estudantes desassistidos. Eu acho que o psicólogo não precisa ser só aquela pessoa com quem você vai fazer uma terapia, pode ser também questão de levantamento de debates. Eu não vejo os profissionais de saúde da EESC participando dos debates, é tudo por conta dos estudantes. A gente não tem tempo para tudo. Então será que esses debates não poderiam vir da própria faculdade? (Participante 4).

Com base nos relatos das entrevistadas, já existem alguns grupos de apoio às minorias dentro da EESC-USP. Entretanto, esses grupos muitas vezes não recebem o suporte necessário da EESC-USP, de forma que recebam a visibilidade necessária para atingir os estudantes que mais precisam dos mesmos:

[...] no WiT [*Women in Tech* que é um coletivo de mulheres voltados para as estudantes das áreas de Tecnologia do Campus São Carlos da USP] e WiE [*Women in Engineering* que é um coletivo de mulheres voltados para as estudantes das áreas de Engenharia do Campus São Carlos da USP] as estudantes já têm onde se sentir “abraçadas”. E isso é uma coisa muito legal, porque eu acho que a comunidade acadêmica poderia ajudar as meninas e dar mais suporte para esse grupo (Participante 4).

O coletivo de negros tinha encontros semanais e os colegas partilhavam as suas experiências. O que era muito bom. Às vezes valeria a EESC-USP apoiar esses coletivos, pois às vezes sinto que há uma luta para a EESC reconhecer esses coletivos e afirmá-los dentro da faculdade. Então talvez uma abertura maior da universidade para reconhecer esses coletivos possa ser positiva e ajudar os estudantes (Participante 3).



De acordo com o que foi relatado pelas estudantes entrevistadas, os grupos de afinidade têm ajudado muito em questão de suporte: “Foi muito importante para mim ter a experiência de conversar com as mulheres do WiE e compartilhar experiências” (Participante 2). “No momento em que eu pensava em desistir da faculdade, eu pude contar com o apoio de um veterano de outro curso, que pude conhecer por meio de um grupo para os estudantes especiais, como eu” (Participante 3).

O evento que elas fazem é um espaço de vulnerabilidade tão grande, que você acaba criando esse laço. Eu me lembro que eu ia ter uma prova de uma disciplina que eu estava cursando com uma menina do WiE, e a gente acabou sentando para conversar e desabafar. Então, criam-se essas relações que são muito boas (Participante 4).

Em vista dos benefícios identificados pelas estudantes participantes de grupos de afinidade, o fortalecimento e institucionalização desses grupos por parte da EESC/USP, apresentou-se como uma oportunidade para tornar o ambiente acadêmico mais inclusivo para as suas estudantes negras. Além disso, institucionalizar grupos já existentes e já estruturados no ambiente acadêmico, diminui os esforços necessários por parte dessa escola para a efetividade dos mesmos, uma vez que a criação e institucionalização de novos grupos de afinidade ainda não existentes requer muito mais recursos e esforços.

Um das sugestões de ações de inclusão para a EESC-USP, mencionadas pelas participantes do estudo, foi a criação de programas de acolhimento dos estudantes que mais precisam e essa é uma necessidade evidenciada pelas entrevistadas:

Penso em desistir do meu curso todos os dias. Primeiramente porque a faculdade não tem nenhuma política de abraçar essas pessoas negras, de baixa renda ou de escola pública que entraram na faculdade [...]. Se tivessem programas de apoio aos estudantes ingressantes seria bom [...]. Você entra na faculdade e não tem nenhum suporte. E aí quando você olha para o lado, o pessoal da sua turma está “surfando na onda”, sem nenhuma dificuldade e está tudo bem para elas. Então você começa a se sentir um “extraterrestre”. Essa falta de apoio acadêmico foi um dos fatores que me fizeram pensar em desistir várias vezes (Participante 4).

Algumas entrevistadas mencionaram a existência de programas de suporte que têm sido efetivos para alguns estudantes minoritários. A sugestão é que esses programas sejam expandidos para outros grupos minoritários da universidade, como o das mulheres negras: “O fato de me sentir excluída foi um fator que me tornava mais propensa a pensar em desistir. Se eu tivesse alguém para contar, seria muito bom” (Participante 2).



[...] acredito que seria legal adotar iniciativas de inclusão para todos os estudantes de grupos minoritários, como a promoção de eventos e etc. A EESC já realiza eventos e encontros para o grupo de estudantes especiais. Então poderiam estender essas atividades para os outros grupos de estudantes minoritários [...]. De modo geral eu recebi bastante apoio dos meus tutores. Porque foi a forma que a EESC encontrou de dar um pequeno suporte para estudantes como eu. Eu tive um professor tutor que me acompanhou durante a graduação inteira e isso foi muito bom. Entretanto, sei que não são todos os estudantes que recebem esse tipo de suporte. Eu era um caso à parte por ter feito o ingresso por meio de um programa especial. (Participante 3)

Para finalizar a seção de resultados, aqui são apresentados dois relatos de duas das estudantes participantes do estudo, sobre as suas percepções individuais no que diz respeito ao enfrentamento das desigualdades já superadas ao longo de suas experiências acadêmicas na EESC-USP.

É sobre você saber que você está se “matando”, enquanto as outras pessoas não precisam passar por isso. Agora, no final da faculdade, as coisas meio que já deram certo, mas o cansaço ainda está aqui até agora, de alguma forma, sabe? O cansaço de ter tido que correr muito mais rápido (Participante 4).

A situação foi melhorando do meio para o final, porque eu fui insistindo, persistindo e acabou que a situação foi melhorando. Apesar de todos os fatores dizendo para eu desistir, eu escolhi continuar e mesmo que tentem criar obstáculos em meu caminho, eu vou ser capaz de ultrapassá-los (Participante 3).

Os relatos anteriores trouxeram à tona questionamentos sobre como as desigualdades enfrentadas por essas estudantes durante a graduação poderão impactar suas vidas no futuro, tanto no que tange a vida pessoal, quanto em relação à vida profissional. Essa é uma oportunidade de estudo posterior relacionado ao tema.

Ao final da entrevista, as participantes puderam dar sugestões sobre possíveis ações que a EESC/USP poderia tomar, com a finalidade de tornar o ambiente acadêmico mais inclusivo para as estudantes. Com base nas sugestões das entrevistas são propostas as seguintes possibilidades: a) ambiente acadêmico mais inclusivo para cursos de graduação em Engenharia; b) criação de disciplinas mais inclusivas para cursos de graduação em Engenharia; c) capacitação de professores e funcionários em termos de inclusão das mulheres negras; d) apoio a grupos minoritários/de afinidade; e f) programas de apoio e acolhimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O ensino superior vem se expandindo com o passar dos anos, tanto em número de vagas, quanto no que diz respeito ao acesso de grupos minoritários na sociedade brasileira. Não obstante se trate de uma conquista que corrobora a redução das desigualdades presentes em nossa sociedade, é preciso estar atento às mudanças decorrentes dessas mudanças no que tange as oportunidades de ingresso e permanência de grupos interseccionais, como é o caso das mulheres negras. A inserção da mulher negra no ensino superior vem ocorrendo de maneira desigual, sendo essa inserção inferior, principalmente quando comparada à inserção das mulheres brancas.

De fato, as mulheres negras não devem ser consideradas como sujeito único feminino, elas devem ser consideradas como um sujeito separado, uma vez que, como mulheres e negras, essas fazem parte de um grupo interseccional minoritário, o qual está exposto tanto à marginalização sofrida por mulheres, quanto à marginalização sofrida por pessoas negras. Desta maneira, o acesso de mulheres negras no ensino superior é menor, principalmente quando a hierarquização das carreiras é levada em consideração.

O acesso da mulher negra no ensino superior tende a diminuir, ao passo em que se aumenta o grau de prestígio social de uma carreira, isto ocorre por conta das identidades de função social estabelecidas por nossa sociedade, a qual possui o machismo e o racismo enraizados culturalmente. Portanto, fica evidente que as barreiras de acesso aos cursos mais hierarquizados estão mais proeminentes para as mulheres negras, como é o caso das carreiras nos cursos de Engenharia.

As desigualdades no que tange ao acesso e a permanência da mulher negra nos cursos de Engenharia foram evidenciadas ao se perceber um menor número de estudantes, um menor desempenho acadêmico e uma maior defasagem de conhecimento, quando as mulheres negras são comparadas com homens brancos, homens negros, ou mulheres brancas de um mesmo curso de Engenharia.

Com base nos relatos das participantes do estudo, foi possível evidenciar diversos fatores e situações que poderiam contribuir com a desmotivação, o desejo de desistir e um baixo desempenho acadêmico nos cursos da EESC-USP. As participantes do estudo relataram ter vivido um conjunto de experiências no que tange às esferas do racismo, do machismo, e da desigualdade socioeconômica no ambiente da EESC-USP. Esse fato confirma o que já é defendido por diversos autores que dizem que a mulher negra é alvo maior de marginalização em nossa sociedade. A constante inserção das estudantes a estes tipos de situações foi capaz de gerar diversos sentimentos como a desmotivação, o



sentimento de não pertencimento, exclusão, segregação, redução de autoestima, estresse, entre outros. A presença de sentimentos relacionados à motivação e ao estresse podem estar diretamente relacionados com aspectos cognitivos, como processo de ensino-aprendizagem.

Adicionalmente, com base no que é relatado pelas participantes do estudo, algumas situações vividas poderiam ser evitadas por meio de ações afirmativas, as quais poderiam ser adotadas pela EESC-USP a fim de criar um ambiente acadêmico mais inclusivo, tais como:

- i. Criação de disciplinas: a inclusão de disciplinas que gerem debates sobre o tema e desenvolvam a empatia e as habilidades sociais dos estudantes, pode ser uma alternativa para contornar aspectos relacionados à segregação e sentimento de não pertencimento das estudantes negras no ambiente acadêmico da EESC-USP.
- ii. Conscientização do corpo docente e de técnicos administrativos: o aumento da conscientização sobre questões de diversidade para o corpo docente também é uma oportunidade para tornar o ambiente mais inclusivo.
- iii. Apoio a grupos de afinidade: o apoio institucional a grupos de afinidade já existentes é uma oportunidade para a EESC-USP institucionalizar o seu apoio aos estudantes e o expandir este apoio para os estudantes que mais precisam. A eficácia e relevância desses grupos no processo de inclusão de estudantes minoritários foi relatada pelas entrevistas.
- iv. Criação de programas de apoio e acolhimento. Dado que a Escola de Engenharia de São Carlos já conta com alguns programas de acolhimento, como o oferecimento de professores tutores e promoção de eventos para estudantes especiais, a expansão destas iniciativas para outros estudantes minoritários é uma oportunidade.

Por ser um estudo multicaso e qualitativo, não é possível afirmar que todas as estudantes negras da EESC-USP necessariamente passam, ou passarão pelas experiências relatadas neste trabalho, e nem que as experiências vividas por uma estudante negra na EESC-USP se limitam apenas às experiências relatadas neste trabalho. Ademais, as estudantes participantes deste estudo já configuram o grupo de estudantes negras que chegaram ao 4º ano de curso. Portanto, este estudo exclui estudantes negras que iniciaram o curso de Engenharia na EESC-USP, mas desistiram. Logo, este estudo encontra-se limitado de forma a carecer de possíveis experiências mais complexas e que possam ser



configuradas como fatores agravantes na permanência de uma estudante negra no curso de Engenharia da EESC-USP.

Cabe ressaltar, ainda, que as experiências relatadas neste trabalho não abrangem todas as experiências possíveis que estudantes negras podem vivenciar no ambiente acadêmico. Para estudos futuros, algumas oportunidades são: a) Entendimento de como as barreiras enfrentadas pelas estudantes negras nos cursos de Engenharia impactam em suas vidas após a sua graduação; b) Barreiras enfrentadas pelas mulheres negras como profissionais de Engenharia; c) Principais barreiras enfrentadas por estudantes negras do ensino médio e que almejam estudar Engenharia; d) Barreiras enfrentadas por estudantes negras das áreas de tecnologia como um todo; e) O mesmo estudo com o recorte de outros grupos minoritários, como estudantes LGBTI ou de baixa renda, por exemplo; f) O mesmo estudo com outras temáticas a serem levantadas, como por exemplo a idade média das estudantes negras, extracurriculares, assédio, uso de substâncias químicas, acesso às bolsas de pesquisa, estudantes que já desistiram do curso.

## REFERÊNCIAS

- BENITE, Anna Maria Canavarro. Enedina Alves Marques: a primeira engenheira negra no Brasil. *Revista Brasileira da Associação de Pesquisadore/as Negro/as (ABPN)*, v. 12, n. 33, p. 688-691, 2020
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice Pierre; CATANI, Afrânio. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes: 2007.
- CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. *Revista Estudos Feministas*, v. 209, 2002, p. 209-214.
- CASTRO, Silvia Elaine Santos. *Marcadores sociais da diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil*. In: Semana de Ciências Sociais: GT4 – Racismo, intolerância e políticas públicas. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.
- FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela Torres. *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015*. Brasília: IPEA: 2017.
- GERHARDT, Tatiana. Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. T. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS: 2009.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: Um Olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, 2003, p. 167-182.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.



IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília: IPEA, 2018. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html). Acesso em: 28.abr.2022.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 3, 2004, p. 401-411.

MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

MEDEIROS, Jussara Marques; ALBIERO, Cleci Elisa. A presença das mulheres negras na engenharia, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. Anais Eletrônicos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MUÑOZ, Bruna Lanzoni; OLIVEIRA, Gisela Lays dos Santos; SANTOS, Alessandro de Oliveira. Mulheres negras acadêmicas: preconceito, discriminação e estratégias de enfrentamento em uma universidade pública do Brasil. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 18, n. 3, 2018, p. 28-41

ROSS, Monique; GODWIN, Allison. Engineering Identity Implications on the Retention of Black Women in Engineering Industry. *In: 123 rd ASEE Annual Conference & Exposition, Anais...* New Orleans, LA, 2016.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. *In: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. (Orgs.). Dossiê mulheres negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

SOTERO, Edilza Correia. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: Algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. *In: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. (Orgs.). Dossiê mulheres negras: Retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

*Recebido em: 05/09/2022*

*Aceito em: 30/10/2022*